

## Congresso ACCIBER

### Memória e Gestão Digital dos Saberes Locais: a experiência da Caravana ao Vale do Rio Jequitinhonha

Por Cláudia Leonor

*“Na medida em que o outro tem de dizer quem você é, você perde a sua identidade”  
Geralda Chaves Soares, de Araçuaí.*

#### Resumo

Nesta comunicação, pretendemos analisar a experiência da Caravana ao Vale do Rio Jequitinhonha, expedição de coleta e disseminação de conteúdo realizada em meados de 2007 através do projeto Memórias dos Brasileiros, de iniciativa do Museu da Pessoa. A Caravana tinha como objeto o registro das narrativas de moradores das tradicionais cidades do Vale do Jequitinhonha através da metodologia de trabalho com memória oral. Mas o diferencial, no caso, estava no desafio proposto à equipe: coletar, processar e disseminar conteúdo de saberes e práticas locais tradicionais em meio digital para o público que acessa a Internet, ao tempo do deslocamento entre as cidades. Ou seja, a experiência digital em pleno sertão mineiro através do *blog* de viagem da Caravana ao Vale do Jequitinhonha.

#### Memória e Novas Tecnologias

As intensas transformações vividas a partir da segunda metade do século XX, nas mais diferentes esferas que vão da econômica à tecnológica, passando pela esfera filosófica, nos levam a novos desafios e entendimentos sobre o nosso tempo e a nossa prática cotidiana. Para o sociólogo Massimo Di Felice (2001), viver os nossos tempos, significa mudar, ir além, transitar. Na prática da pesquisa, aproxima sujeito e objeto, isso é, possibilita um novo olhar sobre as narrativas orais, aproximando pesquisador e pesquisado. Desta feita, as narrativas passam a ser o ponto central do trabalho de campo, já que se redefine o momento desse encontro como sendo o do diálogo entre sujeitos.

“Surge assim uma antropologia que faz do momento da pesquisa uma experiência comunicativa entre o antropólogo e o seu objeto-sujeito, uma vez que participa ativamente na dinâmica do processo de conhecimento e no relato do mesmo.” (Di Felice, 2001, p. 24)

A experiência comunicativa entre sujeito e objeto, fonte e pesquisador, narrador e ouvinte tem sua origem, quase mítica na Antiguidade, aos tempos de Heródoto, Tucídides e Políbio que costumavam fazer inquéritos com pessoas que haviam testemunhado e/ou participado de eventos tidos como históricos. Essa forma de coletar dados consiste no fato de que “Ela foi a primeira espécie de história.” (Thompson, 1992, p. 45) Mas, após séculos de supremacia da escrita e do documento textual é nos anos 50 do século XX que a história oral, passa a ser revalorizada, como fonte histórica. São notórios desta época, os trabalhos de Allan Nevins da Universidade de Colúmbia (EUA), bem como o projeto The Edwardian, desenvolvido por Paul Thompson, da Universidade de Essex (Inglaterra).

No entanto, desde a década de 70 que novos equipamentos, àquela época considerada um grande avanço tecnológico, propiciaram à história oral viver um *boom* exponencial. O advento do gravador de rolo, bem como seu modelo portátil, o gravador de fitas K-7 permitiu que pesquisadores do mundo inteiro pudessem registrar dali para diante, com certa facilidade, os diálogos com seus objetos de pesquisa.

Mas o rápido desenvolvimento dos sistemas de captação de imagens em vídeo-cassete trouxe novas possibilidades para a história oral, em especial no Brasil. Pioneiramente, o Setor de História Oral do Museu da Imagem e do Som, de São Paulo, no início da década de 90 começou a fazer os registros em vídeo, ainda em VHS, mantendo, por uma questão metodológica a gravação em áudio no tradicional gravador de rolo. O material, todo copiado em VHS e em K-7 podia ser consultado pelo público.

Entretanto, é o surgimento do Museu da Pessoa, em meados de 1992 que vai de fato revolucionar o modo de captação e disseminação de conteúdos de narrativas históricas. Criado primeiramente, para a prestação de serviços de memória e história, o Museu da Pessoa desenvolveu uma metodologia própria no trabalho com memória oral. Em 2002, com sua transformação em Instituto a partir da forma jurídica de OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público -, passou a desenvolver projetos próprios com foco em comunidades, organizações e grupos sociais sempre tendo como base metodológica o registro das histórias de vida.

Entendendo que uma história de vida tem um ciclo completo, entre gravar, processar e disseminar, o Museu da Pessoa sempre gravou em meio digital suas entrevistas, que hoje somam cerca de 10 mil narrativas. Qualificado como museu virtual<sup>1</sup>, não apenas como uma instituição que disponibiliza informações na rede, mas que disponibiliza seu acervo de fato, em meio virtual, o Museu da Pessoa pode ser considerado pioneiro nessa atividade.<sup>2</sup> Seus projetos prevêem a circulação dos conteúdos gerados, não só nos meios tradicionais, como livros e exposições, mas também através de práticas inovadoras em meio digital, como a História em Multimídia do São Paulo Futebol Clube<sup>3</sup>, ainda nos idos tempos de 1994 e o Portal do Museu da Pessoa, constituído efetivamente em 2003.

---

<sup>1</sup>Utilizamos aqui a definição de museu virtual desenvolvida por Rosali Nunes Henriques a partir do conceito proposto por Bernard Deloche: “O museu virtual é um espaço virtual de mediação e de relação do património com os utilizadores. É um museu paralelo e complementar que privilegia a comunicação como forma de envolver e dar a conhecer determinado património. No nosso entendimento, só pode ser considerado museu virtual, aquele que tem suas acções museológicas, ou parte delas trabalhadas num espaço virtual.” (Henriques, 2004, p. 71)

<sup>2</sup> Em 1999, após sua participação na conferência ‘Museums and Web’, em Nova Orleans, o Museu da Pessoa foi considerado pelo ‘New York Times’ o *site* mais interessante da conferência internacional de museus, por sua experiência criativa no trabalho com a memória social. IN <http://www.nytimes.com/library/tech/99/03/cyber/articles/16museums.html>, consultado em 20 de Maio de 2004 às 15:30h.).

<sup>3</sup> Em março de 1994, o Museu da Pessoa finalizou o projeto de registro da história do São Paulo Futebol Clube, um dos mais tradicionais da capital paulistana. Ao tempo em que ainda não se falava em Internet comercial, a solução para se trabalhar com multimídia, à época, era a instalação de quiosques que armazenavam toda a informação.

Há de se assinalar que nessa época, começava-se a falar sobre as possibilidades que o hipertexto acrescentava às leituras tradicionais, tais como a possibilidade de aglutinar em um mesmo espaço texto, áudio e imagens fotográficas ou em movimento. Na realidade, para o Museu da Pessoa, o hipertexto trazia a possibilidade do público realizar uma leitura não-linear da história, passando de conteúdo a conteúdo através dos milhares de links que um sistema, ainda que fechado, permitia: “Da mesma maneira que as narrativas são produções individuais que reúnem, segundo os objetivos do entrevistado, elementos que vão formar a sua narrativa de vida, as consultas em um banco de dados multimídia permitem ao usuário uma leitura não-linear dos depoimentos.” (Worcman, 1994, p. 2 )

Somente em 2003, é que o Museu da Pessoa pode finalmente contar com uma bem estruturada base de dados que pudesse agregar as informações coletadas em quase dez anos de trabalho. Rosali Henriques esclarece que: “Somente com a criação do Portal Museu da Pessoa.Net<sup>4</sup> foi possível criar um sistema que pudesse buscar de forma eficiente as informações, seja pelo público interno ou pelos utilizadores da Internet. As tentativas anteriores de construção de uma base de dados multimídia esbarraram em problemas técnicos mas também devido à complexidade necessária para este tipo de trabalho.” (Henriques, 2004, p. 42)

## Memória dos Brasileiros

O projeto Memórias dos Brasileiros foi estruturado em 2004, quando o Museu da Pessoa se preparava para comemorar 15 anos de atuação e passou a discutir a ampliação do uso de seu acervo, à época com cerca de 5 mil histórias cadastradas no Portal. Na sua concepção, o projeto Memórias dos Brasileiros pretendia “dar voz, olhos e ouvidos às narrativas, imagens, obras e manifestações de pessoas de diferentes origens, trajetórias e realidades.” Desta feita, esperava colaborar com a superação de preconceitos e a ampliação e aprofundamento de compreensão dos conflitos atuais e os caminhos de futuro.

Tendo como uma das metas a captação de novos conteúdos através do registro de 135 narrativas de histórias de vida, o projeto apresentava quatro linhas temáticas que nortearam toda a estrutura de pesquisa e trabalho de campo. São elas:

1. Saberes e Fazeres – Registro das histórias de sabedorias populares e de conhecimentos tradicionais;
2. Brasil que Muda – Gravação de histórias de pessoas que lutam para transformar a sua realidade;
3. Brasil que Precisa Mudar – Esta linha temática trouxe o debate em relação ao trabalho escravo contemporâneo que ainda ocorre no país e;
4. Brasil Urbano – Histórias de cidadãos que vivem o desafio de morar nas maiores cidades da América Latina, com seu grande entorno, a região metropolitana.

---

<sup>4</sup> O Portal Museu da Pessoa. Net ([www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)), hoje agrega cerca de dez mil narrativas entre histórias produzidas pelas equipes de pesquisa alocadas nos projetos desenvolvidos, ou narrativas enviadas pelo Internauta através da ferramenta “Conte Sua História”.

Para obter esses registros, foram realizadas viagens<sup>5</sup> de coleta de conteúdo que se concentraram ao longo do ano de 2007, permitindo à equipe se deparar, pessoalmente, com diferentes realidades brasileiras. Foi a oportunidade de conhecer um pouco mais de um país tão cheio de ambigüidades, mas como afirma Darcy Ribeiro, um genuíno Povo Brasileiro. (RIBEIRO, 2006)

Até então, acostumados a fazer entrevistas em ambientes controlados como estúdio de gravação ou casas e apartamentos isolados das ruas, deparamo-nos com uma realidade em que éramos um misto de forasteiro e repórteres de um conhecido canal de televisão. Ao chegarmos a cidades que variavam entre 2 mil e 30 mil habitantes, os moradores estranhavam quando saltava da van a equipe com um grande aparato tecnológico.<sup>6</sup> Muitos indagavam de onde éramos e o que estávamos fazendo.

### A experiência digital no sertão mineiro: O *blog* de viagem da Caravana ao Vale do Jequitinhonha.<sup>7</sup>

A viagem ao Vale do Jequitinhonha trouxe aspectos diferenciais ao cotidiano de trabalho da equipe. Planejada para se caracterizar como uma expedição de pesquisa dos tempos pós-modernos, a Caravana, composta por uma equipe multidisciplinar<sup>8</sup>, percorreu cerca de dois mil quilômetros, passou por 12 cidades e gravou em suporte digital 17 entrevistas de histórias de vida e 12 entrevistas temáticas sobre a Cultura do Vale do Jequitinhonha, durante o 23º Festivale, realizado em Joáima (MG).

Uma das principais características da Caravana ao Vale do Jequitinhonha foi o desafio que tínhamos no sentido de promover uma aproximação do público da internet com atores sociais espalhados entre os diversos Brasis que existem dentro do Brasil. O uso da ferramenta conhecida como *weblog*, ou *blog* foi fundamental para essa aproximação. O que se buscava com essa ferramenta era a oportunidade de ampliar a interação e o diálogo com o público do portal do Museu da Pessoa. O *blog* é a possibilidade de compartilhar conhecimento e, a sua potencialidade enquanto meio de comunicação se dá pelo fato de que: “Os autores escrevem, os leitores lêem e comentam, os autores e outros leitores respondem aos comentários e, assim comunicação e interação simplesmente ocorrem.”<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> Em relação às linhas temáticas, foram realizadas muitas viagens para a captação de conteúdo, duas delas com caráter de caravana, a Caravana ao Vale do Jequitinhonha e a Caravana ao Rio São Francisco. Foi realizada uma viagem para Açailândia (MA), onde coletamos narrativas de pessoas que estiveram em regime de trabalho escravo contemporâneo; em Maués (AM) gravamos narrativas de saberes tradicionais como a produção guaranazeira. A parceria com a ONG Grãos de Luz e Griô, de Lençóis (BA) possibilitou o enriquecimento da linha temática Saberes e Fazeres e, nesse sentido, estivemos em Vassouras (RJ), Serra do Cipó (MG), Presidente Getúlio (SC), Piaçabuçu (AL) e Alter do Chão (PA) para entrevistar mestres de tradição oral. Já a linha temática Brasil Urbano teve seus registros feitos em São Bernardo do Campo.

<sup>6</sup> Além da bagagem pessoal, levávamos quatro notebooks, dez telefones celulares, 9 câmeras fotográficas digitais e uma câmera de vídeo digital, além de monitor, scanner, luzes, e demais apetrechos, como microfones, tripés, extensões e sangans (baterias portáteis para iluminação)

<sup>7</sup> [www.museudapessoa.net/blogs/memoriadosbrasilenses](http://www.museudapessoa.net/blogs/memoriadosbrasilenses)

<sup>8</sup> A equipe era composta por dez integrantes, entre coordenação, historiadores, videomakers, produção e motorista.

<sup>9</sup> Antonio Mendes da Silva Filho IN <http://www.espacoacademico.com.br/063/63amsf.htm>

De acordo com a nossa programação, trabalharíamos com duas equipes de historiadores que se revezariam e se responsabilizariam pelo processo completo de coleta e disseminação de conteúdo. Assim, a dupla de pesquisadores, além de fazer a entrevista e se preocupar com a decupagem da mesma, já pensando na edição de um vídeo, no dia seguinte, deveria fazer o cadastro do entrevistado na base de dados do Museu, com biografia e sinopse da entrevista. Deveria também escrever o *post* sobre aquele dia de trabalho, contextualizando o registro feito com o entrevistado e escolher as melhores fotografias. Paralelamente, um videomaker começaria o trabalho de captura de imagens a partir das fitas, orientado pela decupagem para o posterior trabalho de edição.

Mas, esse trabalho iniciava-se praticamente ao final da entrevista. Logo após as despedidas de praxe de nosso entrevistado, começávamos a compor os elementos que fariam parte do post. A van que nos transportava, misto de escritório e ilha de edição permitia a troca de idéias e informações. A primeira estrutura do texto do *post* e do vídeo eram pensadas coletivamente, sempre com uma preocupação: retratar a realidade, mas não a pobreza do Vale do Jequitinhonha; trazer elementos históricos, mas sem perder o lirismo e a poesia de um texto bem escrito. Neste sentido, é impossível remeter a uma dupla de pesquisadores a autoria de cada notícia, compilada nestas condições. Foi um trabalho fruto da economia dos nossos tempos, da economia digital: coletivo, colaborativo e articulado em rede, sem hierarquias. Onde o produtor fez-se de locutor, o historiador revelou sua sensibilidade para o registro fotográfico, o *videomaker* ajudou a construir o texto. Maior prova da interação e entrosamento da equipe foi quando o motorista nos disse ao final da expedição: “Foi preciso que vocês viajassem de São Paulo até aqui para que eu conhecesse a beleza de minha terra.”

Na realidade, a necessidade de otimização do tempo e os longos períodos utilizados para irmos de uma cidade à outra é que nos levava a essa estrutura: ao tempo em que estávamos nos deslocando fisicamente pelo Vale, trabalhávamos em nossos *notebooks*, deixando quase tudo pronto para fazer o *up load* dos arquivos necessários para a composição dos *posts* assim que chegássemos a nosso novo destino. Um aspecto que merece destaque foram as condições que tivemos para que esse material estivesse na internet em poucas horas. Sem a infra-estrutura que um canal de televisão de porte teria, tais como antenas *wi-fi* e conexões com satélites para transmissão de dados, e sem poder contar de antemão com sistemas *wireless* em cidades que mal têm cobertura celular, deparamo-nos com uma infinidade de *lan houses* espalhadas ao longo de nosso caminho. Montadas nas salas de visita de pequenas casinhas, ou então nos fundos de lojas de suprimentos de informática, sempre contamos com a simpatia e boa vontade de nossos anfitriões que muitas vezes nos permitia deixar os arquivos abertos e conectados enquanto estávamos nos alimentando ou nos refazendo do trajeto impiedoso das estradas de terra mal conservadas.

Habitamos temporariamente novos lugares e significados, vivenciamos novas temporalidades. Mas não éramos os viajantes da supermodernidade que se sente à vontade no não-lugar a que se refere Marc Augé (Augé, 1994), o não-lugar dos aeroportos, das auto-estradas, dos shopping centers ou duty-free. Tampouco se trata de opor o deslocamento

---

territorial ao deslocamento digital, trata-se de uma outra materialidade, a dos fluxos comunicativos. No caso da Caravana, vivenciamos uma dupla experiência, a do deslocamento físico dos corpos desterritorializados e hibridizados pelo aparato tecnológico que tínhamos a nossa disposição; e o conteúdo que se deslocava em meio digital. Pois de acordo com Pierre Levy:

“A virtualização reinventa uma cultura nômade, não uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam.” (Levy, 1996, p. 20-21)

Um outro elemento que se faz necessário nessa comunicação, é a questão do tempo. O tempo das comunidades urbano-rurais, o tempo de deslocamento espacial e o tempo do deslocamento do conteúdo gerado *in loco* e transmitido pelos fluxos comunicativos do espaço cibernético, em pleno sertão mineiro. A passagem do tempo, não sendo cíclico porque não faz parte da nossa vivência cultural, tampouco era linear e cronológico. Vivenciamos o tempo das redes virtuais, onde não existe passado, presente ou futuro, mas tudo ao mesmo tempo agora, o tempo da internet e as novas possibilidades de deslocamentos no espaço digital. Na realidade, o tempo deixou de ser a noção de tempo-passagem, passou a ser tempo-velocidade, condicionando o fim das grandes distâncias. Trata-se do tempo ucrônico. Neste sentido:

“A imagem passa por um tempo matriz, tempo aberto, sem fim, sem início, onde as linhas finitas do passado possível engendram, ao se cruzarem, inúmeros presentes, oferecendo múltiplas possibilidades de acesso à rede de uchronia (pontos de tempos singulares, passagens do presente ao passado, do presente ao futuro, etc.) uma infinidade de instantes virgens que não são extraídos de uma memória registrada, mas produzidos – e não reproduzidos – pelo cálculo e na qual o observador pode viver imediatamente na ordem que ele deseja.” (Couchot, 1988, p. 122)

Em termos de linguagem, tanto dos textos, como dos vídeos e fotografias editados para o *blog*, à equipe, se colocou outro desafio: não agir como colonizadores da nossa sociedade contemporânea, que após coletar dados, voltam rapidamente para sua metrópole, que também se transformou em fluxo de informações e tratam o conteúdo como algo exótico ou diferente, voltando-se para a análise distante do seu objeto de pesquisa. Como viajantes do mundo pós-moderno, deslocados do seu habitat e do seu tempo e espaço, vivenciando outras culturas e comunidades, tivemos a preocupação de construir narrativas plurais, onde o suposto objeto de estudo, passa a ser o sujeito da sua própria narrativa.

Neste sentido, o trabalho com memória oral possibilitou dar voz ao narrador. Saberes e fazeres, práticas cotidianas, conhecimentos transmitidos de geração a geração, registrados em vídeo e disponibilizados pela internet. Sabemos que não estamos preservando esses saberes, pois eles só têm sentido na sua própria oralidade e imaterialidade. No entanto, procuramos desvendar uma região compreendendo o “cheiro, a textura e a cor local”, com respeito à diversidade. Pois:

“Quanto ao conhecimento que um ser humano possui, ele está ainda mais ligado à ‘matéria’, pois supõe um corpo vivo e uns dois quilos de massa cinzenta e úmida em condições de funcionamento. Mas, dirá você, o ponto essencial aqui é o conhecimento possa passar de um cérebro a outro, que ele não esteja necessariamente ligado a uma única pessoa. Precisamente: o conhecimento e a informação não são imateriais e sim desterritorializados; longe de estarem exclusivamente presos a um suporte privilegiado, eles podem viajar. Mas a informação e conhecimento tampouco são ‘materiais’! A alternativa do material e do imaterial vale apenas para substâncias, coisas, ao passo que a informação e o conhecimento são da ordem do acontecimento ou do processo.” (Levy, 1996, p. 56)

### Considerações finais

Ao longo de 12 dias de trabalho intenso, conhecemos personagens ímpares de cidades incríveis. Registramos sua trajetória, suas memórias e como essas memórias se articulam em narrativas. O Vale do Jequitinhonha é um espaço cuja natureza foi profundamente modificada pela ação do homem. As comunidades remanescentes têm uma beleza e cultura ímpar.

Durante a entrevista com Rita Mendes, conhecida paneleira da região de Itinga, observamos não só como se dá essa modelagem, mas como o neto, Alex, sentado ao lado dela em uma tradicional posição indígena, aos 7 anos de idade, já sabe separar a massa, enrolar e deixar preparada para o passo seguinte: abrir a panela. Outra ceramista é Izabel Mendes da Cunha, que também aprendeu o ofício de modelar. Mas o que ela queria mesmo era ter uma boneca. Hoje, Dona Izabel é ceramista famosa, reconhecida internacionalmente pelas suas bonecas gigantes.

E o que falar de Seu Crispim, morador de Milho Verde, distrito de Diamantina? Recém falecido, Seu Crispim era um conhecedor de vissungos, cantos fúnebres bantos. À ele, nosso respeito. Conhecemos também as cantigas do Jequitinhonha, na bela voz da lavadeira de Almenara, Valdênia.

Além das entrevistas previstas, conversamos com muitas pessoas e fizemos muitos outros amigos, tais como a menina Laís (de São Gonçalo do Rio das Pedras), que adorou conhecer onde fica o misterioso mouse do notebook em que trabalhávamos ou então o bondoso Sr. Isaías de Minas Novas que literalmente abriu o cofre para observarmos uma jóia rara do barroco mineiro: a Igreja de São José, único exemplar octogonal do Brasil, mas que nunca havia tirado um “retrato”!

Muitas foram as narrativas, agora eternizadas me meio digital. Vivenciamos a era da informação, dos fluxos comunicativos, onde as fronteiras deixam de existir no espaço cibernético. Conectadas em rede, as histórias de cada localidade ganham circulação no espaço digital, nos fluxos comunicativos e podem ser acessados de qualquer lugar pelo internauta. Pelos comentários dos internautas, podemos entender como isso se deu na prática:

*Não consegui conter algumas lágrimas ao ver pessoas tão simples, mas como tanta sabedoria. Lembrei-me dos casos que meu pai contava, e que agora já não ouço mais.*  
(por Aparecida Silva dos Santos em 25/08/2007 às 17:54:24)

*Parabenizo a equipe que está realizando este lindo trabalho, “desbravando” – abrindo caminhos pelo Brasil, para que possamos conhecer a história de vida das pessoas, da realidade em que vivem, deixando conosco um pouquinho delas. Abraços, Maria Teresinha, Caratinga – MG – VENHAM NOS VISITAR* (Por Maria Teresinha Quintela Caldeira de Assis em 12/10/2007 às 16:35:54)

*Esse trabalho de vocês é realmente muito interessante, pois além de registrar experiências impagáveis de pessoas, muitas vezes esquecidas pela sociedade, faz com que elas se sintam especiais, assim como deveriam sempre !!! Parabéns*  
(por Gabi Majolo em 30/07/2007 às 019:34:04)

É uma nova maneira de entender o Brasil e construir um novo olhar sobre a nossa história. Para encerrar esta comunicação, não podemos deixar de citar Darcy Ribeiro, pois acreditamos que encontramos um pedaço desse país, em cada curva da estrada:

“Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e cultura e porque assentada na mais bela e luminosa província da terra.

## Referências bibliográficas

LEVY, Pierre. O que é o Virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996.

AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

COUCHOT, Edmond. Images de l’optique au numerique. Les Arts visuels et l’evolution des technologies. Paris: Hermes, 1988, p. 222. IN Pensar. Pulsar. Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade – Projeto Brasil. São Paulo: Edições NTC, p. 290.

DI FELICE, Massimo. Habitar os consumos: o caráter comunicativo dos objetos e a crise do antropomorfismo social. Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da UPS para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA, 2001.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa. Dissertação apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção do grau de mestre em Museologia. 2004.



THOMPSON, PAUL. A Voz do Passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WORCMAN, K. Histórias de vida em multimídia: uma nova leitura da História. São Paulo: Museu da Pessoa, 1994. mimeo.